

As Vivências da Maternidade e a Concepção da Interação Mãe-Bebê: Interfaces Entre as Mães Primíparas Adultas e Adolescentes

The Motherhood Experiences and the Conception of Mother-Baby Interaction: Interfaces Between Primiparous Adult Mothers and Adolescents

Las Experiencias de la Maternidad y el Diseño de la Interacción Madre-Hijo: Interfaces Entre las Madres de Adultos por Primera vez y Adolescentes

Angélica Zanettini¹; Ângela Urio^{2*}; Jeane Barros de Souza³; Daniela Savi Geremia⁴

Como citar este artigo:

Zanettini A, Urio A, Souza JB, *et al.* As Vivências da Maternidade e a Concepção da Interação Mãe-Bebê: Interfaces Entre as Mães Primíparas Adultas e Adolescentes. Rev Fund Care Online.2019. abr./jun. 11(3):655-663. DOI: <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2019.v11i3.655-663>

ABSTRACT

Objective: The study's purpose has been to further understand the interfaces of the experiences related to the first experience of both adolescent and adult mothers, then seeking to identify the creation of the mother-baby interaction. **Methods:** It is a descriptive-exploratory study with a qualitative approach, which counted with the participation of eleven primiparous mothers, from the *Chapecó* city, *Santa Catarina* State. Data collection was carried out through semi-structured questions, and the participants were identified by butterfly names. Data were analyzed using the Content Analysis. **Results:** The findings have shown profound changes in the way of life of the primiparous mothers, such as: physical changes, image concerns, greater responsibility, sadness, joy, fear, distancing from friends, sudden changes in lifestyle; and, for the adolescent mothers were found school abandonment and difficulties with child care. **Conclusion:** Bearing in mind the implications of motherhood, some adolescent mothers feel unprepared for maternity, because they are too young, although they believe that there is no differentiation between their feelings and those of an adult and primiparous mother.

Descriptors: Maternity, Mother-Baby Relationship, Pregnancy.

¹ Enfermeira, Residente em Cardiologia na Universidade de Passo Fundo. Integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa, Políticas Públicas e Gestão em Saúde (PPGS) da UFFS.

² Acadêmica de Enfermagem do Curso de Enfermagem da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa, Políticas Públicas e Gestão em Saúde (PPGS) da UFFS.

³ Enfermeira, Doutora em Ciências, Professora do curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa, Políticas Públicas e Gestão em Saúde (PPGS) da UFFS.

⁴ Enfermeira, Doutora em Saúde Coletiva, Professora curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa, Políticas Públicas e Gestão em Saúde (PPGS) da UFFS.

RESUMO

Objetivo: Compreender as interfaces das vivências relacionadas à primeira experiência de mães adolescentes e adultas, buscando identificar a construção da interação mãe-bebê. **Método:** Estudo exploratório, descritivo, qualitativo, com participação de onze mães primíparas, do município de Chapecó/SC. Para a coleta de dados foi utilizado questões semiestruturadas e as participantes foram identificadas pelo nome de borboletas. Os dados foram analisados através da Análise de Conteúdo. **Resultados:** Mudanças profundas na forma de viver das mães primíparas, como: alterações físicas, preocupações com a imagem, maior responsabilidade, tristeza, alegria, medo, distanciamento de amigos, brusca alteração no modelo de vida, e para a adolescente mãe, também o abandono escolar e dificuldades com o cuidado da criança. **Conclusão:** No que tange às implicações da maternidade, algumas mães adolescentes sentem-se despreparadas para desempenhar a maternidade, por terem pouca idade, porém, acreditam não haver diferenciação entre seus sentimentos com os de uma mãe adulta e primípara.

Descritores: Maternidade, Relação Mãe-bebê, Gravidez.

RESUMEN

Objetivo: Comprender las interfaces de las vivencias relacionadas con la primera experiencia de madres adolescentes y adultas, buscando identificar la construcción de la interacción madre-bebé. **Método:** estudio exploratorio, descriptivo, cualitativo, con participación de once madres primíparas, del municipio de Chapecó SC. Para la recolección de datos se utilizaron cuestiones semiestructuradas y las participantes fueron identificadas por el nombre de mariposas. Los datos se analizaron a través del análisis de contenido. **Resultados:** cambios profundos en la forma de vivir de las madres primíparas, como: alteraciones físicas, preocupaciones con la imagen, mayor responsabilidad, tristeza, alegría, miedo, distanciamiento de amigos, brusca alteración en el modelo de vida, y para la adolescente madre, El abandono escolar y las dificultades con el cuidado del niño. **Conclusión:** En lo que se refiere a las implicaciones de la maternidad, algunas madres adolescentes se sienten despreparadas para desempeñar la maternidad, por tener poca edad, sin embargo, creen no haber diferenciación entre sus sentimientos con los de una madre adulta y primípara.

Descritores: Maternidad, Relación Madre-Hijo, El Embarazo.

INTRODUÇÃO

A maternidade é a qualidade ou condição de ser mãe, é um laço que une a mãe ao seu filho, sendo que na maioria das vezes, a concepção da maternidade é baseada na ideia de sofrimento, sacrifício e amor.¹ A maternidade na vida de uma mulher é uma experiência única, onde passa por diversas mudanças tanto na vida social como em seu corpo físico e modo de pensar e agir.

No caso das mães adolescentes, estas deixam de ser filhas para se tornarem mães, acarretando em diversas transformações na sua vida e da família, sendo a adolescência caracterizada como uma etapa da vida entre a infância e a fase adulta, marcada por um complexo processo de crescimento e desenvolvimento biopsicossocial.² Ressalta-se que nesta pesquisa foi utilizado o referencial da Organização Mundial da Saúde (OMS),³ que descreve a adolescência como sendo a segunda década da vida, dos 10 aos 19 anos

de idade.

Para a sociedade, a maternidade é vista como um instinto natural da mulher, defendendo que já nasce com a vocação para ter filhos, amá-los e cuidá-los. No entanto, sabe-se que nem sempre é assim que acontece, pois, a mulher ao passar por diferentes experiências de vida, envolvendo as condições emocionais, aspectos culturais, relações afetivas e a qualidade dos cuidados que recebeu na sua infância, vai assim nascendo seu próprio processo de ser mãe.⁴

Essas novas experiências envolvem sensações, sentimentos, atitudes e pensamentos, pois tornar-se mãe é algo complexo. A história de vida da mulher irá influenciar diretamente na construção do seu ser mãe, podendo se tornar numa experiência fácil ou difícil, lembrando que cada gestação acontece de maneira diferente e com significados variados, gerando assim um ser único.⁵

É de extrema importância o desenvolvimento da relação afetiva entre a mãe e seu filho (a). Mas quais são as interfaces das vivências relacionadas à primeira experiência de mães adolescentes e adultas? Será que existem maiores desafios para as mães adolescentes do que para as mães adultas primíparas na concepção da interação mãe-bebê? Nesta perspectiva, surgiu este estudo com o objetivo de compreender as interfaces das vivências relacionadas à primeira experiência de mães adolescentes e adultas, buscando identificar a concepção da interação mãe-bebê.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo do tipo exploratório, descritivo com abordagem qualitativa. O local de pesquisa teve como cenário o município de Chapecó-SC, contando com o apoio da equipe da Estratégia Saúde da Família (ESF) do referido município, para identificar as participantes da pesquisa e suas residências.

O estudo contou com a participação de onze mães, sendo cinco adolescentes, com idade entre 10 e 19 anos, e seis adultas, com idade entre 20 e 40 anos. Um dos critérios para participação no estudo é que todas as mães teriam que ser usuárias do Sistema Único de Saúde e primíparas, por acreditar que a primeira gestação é uma vivência singular, que poderá definir as demais experiências e ressignificação do ser mãe.

A entrevista com as participantes do estudo ocorreu na própria casa das mães primíparas de forma pré-agendada, a fim de ter um momento disponível e propício, buscando não atrapalhar seus afazeres.

Antes da entrevista, foi disponibilizado para as participantes da pesquisa, um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e para as adolescentes foi fornecido o Termo de Assentimento, mantendo assim afirmado o sigilo das informações e o aceite da participação na pesquisa, que só iniciou após ser aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

Para manter o sigilo das mães participantes, decidiu-se chamá-las pelo nome das 11 borboletas mais raras do mundo: Borboleta Azul, Transparente, Folha, Rainha Alexandra, Coruja, Camuflada, Coruja, Pavão, Branca da Madeira, Apolo e Almirante Vermelho.

Sabe-se que para se tornar uma borboleta, é necessário acontecer uma metamorfose: primeiramente o ovo, depois a lagarta (fase jovem), a crisálida (transformação) e finalmente a borboleta (fase adulta). Tal processo de transformação pode ser comparado com a maternidade, pois nenhuma mãe nasce pronta. A mulher se torna mãe e vai se transformando, não apenas em seu corpo físico, mas também emocional e psicológico, até o momento da maternidade e pós-maternidade, assim como as diversas etapas da borboleta. Outro aspecto é que há várias espécies de borboletas, com diferentes cores e texturas em suas asas, assim como na vivência da maternidade, ocorrendo de maneira diferenciada para cada mãe tal experiência e significação em seu processo de viver.

A análise e interpretação dos dados ocorreram através do modelo de análise de conteúdo, proposta por Bardin,⁶ sendo um conjunto de técnicas de análise das comunicações, com intuito de obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

A primeira etapa constituiu-se da pré-análise, onde foi realizada a leitura flutuante dos dados obtidos nas entrevistas, escolhendo documentos para a constituição dos dados tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos. No segundo momento, realizou-se a exploração do material de análise, com a organização dos dados, onde se elencou a seguinte categoria, que orientou a discussão dos dados, sendo: As interfaces da relação mãe-bebê e Mães adultas e adolescentes: construindo relações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O simbolismo da maternidade como função natural, incluindo a questão da maior intensidade do vínculo com o bebê, refletem o desejo e ligação que a gestação pode desencadear na vida das mães, bem como as representações do impacto psicológico de ser mãe.

O relacionamento entre a mãe e o seu bebê se inicia já na gestação, através das alterações corporais, quando a barriga e seus seios começam a crescer, através dos movimentos fetais, onde a mesma passa a perceber a presença de um novo ser, sendo que algumas mães conversam e cantam para seus filhos, estabelecendo vínculos afetivos, mesmo antes do nascimento. Estes estímulos que ocorrem durante o período da gravidez, faz com que as futuras mães demonstrem um maior interesse em se cuidar e investir na relação com o seu filho (a), pois sentem a presença do (a) mesmo (a), e é neste contato que será à base do relacionamento mãe-bebê, que tende a somente se estender depois do nascimento.⁷ Neste

estudo, as mães relatam que já estabeleciam interação com seus filhos, antes mesmo deles nascerem:

“Eu acho que a interação começa já quando está na barriga, sentem tudo o que a gente pensa, tudo o que a gente faz, e já começa ali na barriga.” (Borboleta Transparente).

“Já começou na gestação, eu acredito que a primeira vez que tu sente mexendo, ou tu escuta o coraçãozinho dele, já é um amor que tu não imagina que tu poderia sentir né, é uma coisa que é além do que você já imagina, um amor maior que tu pode ter.” (Borboleta Apolo).

A relação entre mãe e bebê através dos movimentos fetais na gestação foi notória, não havendo explicação quanto ao amor que se sente diante da maternidade. A mãe deve desenvolver um contato inicial, podendo ser observado pelas ações do recém-nascido em pequenos detalhes, onde a mãe poderá estimular seus filhos no cotidiano, sendo extremamente importante para o crescimento saudável da criança, tornando também necessário que a mãe confronte as expectativas que tinha durante o período da gestação com a chegada do bebê, que neste momento, passa a demandar de maior atenção e cuidado.⁸ Entretanto, nem sempre acontece conforme o planejado e esperado:

“... a gente pensa assim, quando o nenê nascer eu vou fazer isso o nenê vai fazer isso, tudo certinho, mas quando ele nasce, é totalmente ao contrário, tu ta preparada pra uma coisa, mas o quem vem, é bem o que dizem assim, não te contam tudo, só te contam o que é bom, o que é mais complicado não te contam, isso é verdade...” (Borboleta Apolo).

“Desde quando ele estava na barriga a gente vai tendo um cuidado com a gente, pensando como vai ser... depois que ele nasce, ai muda tudo daí, não é nada a ver com que você imaginava”. (Borboleta Transparente).

Nas falas das borboletas Apolo e Transparente, percebe-se que as mães durante o período gestacional idealizam como seria a rotina, a vida com o bebê, como fariam para cuidar, entre outros fatores, mas após o nascimento, constataram que nem tudo iria acontecer como haviam planejado. No entanto, a relação mãe-bebê não deve ser prejudicada, pois tal interação está estreitamente correlacionada com a formação emocional e quando ocorre de maneira positiva, será saudável e quando não é tão boa, poderá se transformar em um fator maléfico, podendo levar ao desenvolvimento de distúrbios emocionais na criança e também na mãe, pois seria como se estivessem negando um componente essencial para a vida.⁹

Outro fator importante a destacar é que os sentimentos que as mães têm diante de seus filhos recém-nascidos geralmente são percepções positivas. As mães adolescentes podem desenvolver a relação mãe-bebê e sustentar esse sentimento positivo com amor em relação aos seus filhos de uma forma

parecida a de uma mãe adulta, não sendo possível a percepção de diferenciação¹⁰. Essa relação pode ser evidenciada nas falas a seguir:

“O amor que vai crescendo não sei te explicar, pelo carinho que ele demonstra, a cada mês mais né, cada mês é uma surpresa, é uma novidade, uma coisa diferente” (Borboleta Apolo).

“Não tem palavra pra descrever minha relação com ela, acho que espetacular... a gente percebe assim o jeitinho que ela olha, agora ela aprendeu fazer carinho no meu rosto, é um doce...” (Borboleta Azul).

É indubitável que no princípio, por ser tudo novo, exige-se superação de dificuldades, estabelecendo relações que aos poucos vão se solidificando, criando vínculos e aumentando o amor, influenciando, a partir de então, a vivência tanto da mãe, como do filho. Por meio da convivência, ao longo dos dias, a criança demonstra apego e o conforto em saber que está com a mãe, dando assim um retorno aos estímulos recebidos, demonstrando íntima interação entre a mãe e a criança.^{10,11}

A maneira como a mulher torna-se mãe gradativamente, desde a gestação, interferirá na formação do vínculo com o bebê.¹² A relação mãe-filho se desenvolve de maneira gradual, cada uma com seu tempo, ritmo e maneira própria, que não tem uma receita pronta para dizer como deve ser esse relacionamento, e até mesmo como se configura, mas ambos vão se reconhecendo e vivendo essa experiência. A mãe passa a assumir maiores responsabilidades e confiança na sua capacidade de ser mãe, criando rotinas que lhe suprem as necessidades, e com isso, viabilizando a efetivação do vínculo.^{13,14}

Sabe-se que os primeiros dias após o parto são momentos carregados de sentimentos e intensas emoções, acompanhados de transformações tanto a nível familiar, como no próprio físico e emocional da mãe, podendo variar de mulher para mulher, que também será influenciado de acordo com a vivência do período gestacional e parto.

Nesse ínterim, pode haver reações diferenciadas, como as citadas nos relatos abaixo, que são explicadas pelo fato da mãe e o bebê se conhecerem pouco, pois até então eram um “só”, e neste pouco período de tempo, não se estabeleceu uma boa comunicação com frequência, impedindo que a mãe reconheça as reais necessidades do bebê, levando a um período de transição no primeiro trimestre do puerpério, onde a mulher torna-se especialmente sensível e confusa⁹:

“No início foi difícil....tipo parece que meu sentimento fico de medo, que não podia pegar ela no colo que ia voltar a infecção, fiquei com trauma, dai eu pegava ela assim, parecia que minha barriga doía e eu não podia ficar com ela no colo.” (Borboleta Pavão).

“Eu fiquei traumatizada com o meu parto, tanto que nos primeiros dias eu não conseguia olhar pra ela, sabe, chorava de tristeza, mas assim não por medo, mas pelo o que eu passei, porque me assustaram bastante, a primeira semana foi bem terrível” (Borboleta Azul).

Conforme o relato da Borboleta Azul, fica evidente o quanto o parto pode ser um momento difícil na vida da mulher, podendo ser algo concebido anteriormente através das experiências, saberes e tradições repassados pela própria família ou amigos da gestante.

Com o nascimento da criança, também pode acontecer um sentimento de separação para algumas mães, por antes estás sentirem-se interligadas aos seus filhos e após o parto, a relação entre mãe e bebê pode demorar a se estabelecer:

“Eu acho que a relação começo um mês depois que ela tinha nascido... custou pra eu entender que ela é minha filha mesmo, ela depende totalmente de mim, até então tinha dias que eu ficava tão triste... eu fiquei bastante estressada sabe, aí, meu marido até tava com medo que eu entrasse em depressão pós parto.... era muito novo pra mim, diferente... demoro um tempinho pra eu aprender a amar mesmo a minha filha.” (Borboleta Azul).

Nesse sentido, faz-se necessário uma abordagem de atenção para a mãe, no intuito de auxiliar no enfrentamento desta realidade e facilitar o contato da mãe com o seu bebê, podendo identificar os cuidados e prestar o apoio que se faz necessário.⁸

É possível perceber que o amor e a relação existente entre a mãe e seu bebê vão se desenvolvendo e se estabelecendo a cada dia, principalmente diante do aprendizado da criança, que com o passar dos dias e meses, começa a realizar movimentos diferentes, passa a sorrir, balbuciar sons, interagir com a mãe e demais membros da família, entrelaçando os sentimentos, onde as participantes do estudo demonstraram que os filhos são motivo de grande alegria:

“A cada dia que passa ela cresce mais, não sei explica, um sorrisinho dela, quando ela passa a mão no teu rosto, não tem explicação, vai crescendo amor cada dia mais.” (Borboleta Almirante Vermelho).

“O amor que vai crescendo não sei te explicar, pelo carinho que ele demonstra, a cada mês mais né, cada mês é uma surpresa, é uma novidade, uma coisa diferente” (Borboleta Apolo).

Com o crescimento do recém-nascido, novidades vão surgindo, efetivando as relações entre a mãe e o bebê, criando um vínculo entre ambos que as mães não conseguem explicar em palavras tal sentimento. As mães tem um sentimento bom, positivo e satisfação em ver o desenvolvimento e crescimento de seus filhos, as novas aquisições e habilidades, podendo os

seus esforços serem recompensados através de um sorriso ou gesto do bebê.⁵

Uma das maneiras de criar vínculo, ou de estabelecer relação mais próxima entre a mãe e seu filho se dá pelo processo da amamentação, sendo um momento exclusivo da mãe com o seu bebê, onde a mulher pode perceber que é essencial e fundamental para a manutenção da vida, pois através desta ação trocam-se carícias, olhares, se estabelece contatos, que vão auxiliando na comunicação e interação entre eles:

“Meu Deus eu acho que de tudo a maternidade inteira, amamentar é a melhor coisa que existe... é o momento só teu e dela, ai ela fica fazendo carinho no meu rosto, ela vem com a mãozinha na minha boca, daí ela para e olha pra mim e da risada, dai ela mama, eu acho que de tudo, acho que amamentar é a melhor coisa...Porque você sabe que depende só de você.....fortalece o vínculo, é a alegria dela, se esfrega, se aconchega, é maravilhoso...” (Borboleta Azul).

“...é o melhor momento da gente assim, amamentar sabe, a gente tem esse contato até hoje, de dormir juntinho, de ficar pertinho, então isso não tem nada assim que supere sabe”. (Borboleta Rainha Alexandra).

O aleitamento materno (ALM) tem funções primordiais para o bebê, pois auxilia no combate a alergias, ajuda na imunidade, no crescimento e desenvolvimento saudável, pois é natural e tem todas as vitaminas necessárias, contudo, nem sempre é possível amamentar devido a algumas doenças infecciosas, estados de má nutrição ou a dependência de drogas, ou até mesmo por parar de produzir leite.¹⁵

A amamentação é uma prática natural e eficaz, a qual traz benefícios também para a mãe na prevenção de câncer de mama e de útero, no retorno do corpo ao normal, podendo ser utilizado como contraceptivo, entre outros. Mas o sucesso desta prática depende das experiências e dos fatores biológicos, culturais e socioeconômicos vivenciados pela mãe, além do compromisso em manter a amamentação. No início da amamentação surgem várias dúvidas e dificuldades, sendo importante a ação do enfermeiro neste momento para ouvir estas mulheres e prestar orientação e cuidados, o qual deverá ser sensível para compreender o mundo da mãe primípara e guiar as ações para sua realidade social e cultural.^{16,17}

Por mais que a amamentação seja algo natural, algumas participantes deste estudo sentiram dificuldade no momento inicial da amamentação, no que diz respeito à pega, dor, sensação desconfortável por ser algo novo, que até o momento não haviam realizado por serem mães primíparas:

“...depois que o nenê nasceu eu já vi que é mais difícil a questão da amamentação...tanto que por isso tinhas as colegas que falavam, ‘vai se preparando’, e eu não me preparei pra amamentar... eu tenho mais dificuldade é na amamentação.” (Borboleta Transparente).

“... eu tive dificuldade na amamentação, porque não é como que você vê naquelas campanhas, é muito bom tipo, tem o contato com o bebê tudo, só que eu não tinha bico, então sofri dele pegar, machucava, dói no começo sabe, mas depois, é muito bom, a hora que tu tem ele ali pertinho de você, ele pode ta chorando, tu sabe que tem horas que ele quer mamar, então é muito bom, ele fica pertinho de você, ele fica calminho, no começo não foi fácil, mas depois que deu certo, da sensação, que ele quer a mãe, que ele é meu” (Borboleta Coruja).

As dificuldades na amamentação continuam sendo um problema para a maioria das mães que amamentam por ocorrer fissura nos mamilos, levando assim a dor ao amamentar, mamas endurecidas e inchadas, dor no mamilo machucado, principalmente quando o bebê suga. Tais dificuldades surgem por ser algo que as mães primíparas nunca haviam desenvolvido antes, mas percebe-se que mesmo com as dificuldades, muitas mulheres insistem na amamentação, e posteriormente, o ato de amamentar se transforma em algo bom, aproximando o binômio mãe e filho.¹⁷

Algumas mães primíparas conseguiram mais facilmente se relacionar com seus filhos devido ao fato de já haver cuidado de outras crianças, ou de seus irmãos mais novos, ou ainda por terem trabalhado no cuidado de crianças como babas:

Quando eu era mais nova eu não queria ter filhos, dai comecei a trabalhar como babá, fui gostando mais de criança...” (Borboleta Transparente).

“Eu cuidei do meu sobrinho pequeno, eu tinha noção assim de como era lidar com criança sabe, e eu gosto, gostava já de cuidar de crianças... na gravidez eu cuidava de criança em casa, então eu já fui me adaptando, já sabia como que era...” (Borboleta Coruja).

No entanto, pegar no colo ou cuidar por algumas horas dos filhos dos outros não é a mesma coisa que assumir a maternidade em tempo integral, responsabilizando-se pelo filho.¹⁷

A maternidade pode ser um período considerado de importantes mudanças, não só para a futura mãe, mas também para toda a estrutura familiar, pois esta família estará recebendo um novo integrante, e a partir daí, não serão mais um casal, e sim uma família.⁵ Tornar-se mãe é algo complexo, pois depois do nascimento, é justamente ela que passará a desenvolver os cuidados,¹⁸ e não mais ser cuidada como anteriormente, passando assim de filha para mãe.⁸

As mães primíparas experienciam diversas transformações que estão ligadas principalmente com as novas responsabilidades e amadurecimento. As participantes deste estudo relataram que a maternidade mudou totalmente o seu jeito de ver o mundo, de agir com as pessoas e a maneira de se portar na sociedade. Ao comparar os relatos de mães adolescentes

e adultas, verifica-se que ambas tiveram mudanças intensas, como descritas a seguir:

“O que mudou em mim depois da maternidade foi ter responsabilidade, você ser gentil com as pessoas, coisa que eu não era.... eu acho que depois que fica mãe a gente muda completamente, tudo mundo, então acho que isso, maturidade, porque eu sou uma moça, moça mulher, acho que isso”.(Borboleta Folha).

“Eu era bem diferente, eu não tinha muito compromisso, eu não tava nem aí, o meu jeito de falar mudo, o meu jeito de ser, de se portar com os outros, antes eu falava tudo na malandragem, agora né eu me comporto mais, por dentro meu sentimento mudo, sei lá parece que eu tô mais madura, responsável, pela casa, pela filha, do marido” (Borboleta Pavão).

Para as mães adolescentes o aumento da responsabilidade e maturidade se dão pelo fato de haver cobrança de pessoas próximas, como no caso dos pais, avós tanto maternos quanto paternos da criança, onde algumas vezes impõe que o casal more junto e acabam limitando a liberdade dos mesmos, além de desenvolverem comportamento mais adequados perante a sociedade, passando assim para o mundo dos adultos.^{14,19,20}

O estilo de vida das adolescentes acaba se modificando com o passar do tempo através da maternidade, principalmente o seu jeito de ser, ocorrendo uma redefinição do seu papel na família e a partir daí, nota-se uma pessoa diferente, na maneira de ser e agir, isso por meio de um amadurecimento, torna-se mais sensível e compreensível com as demais pessoas.²¹

A identidade materna que se constitui pode ser tanto percebida de maneira positiva, com o reconhecimento de recursos pessoais, amadurecimento e novas formas de olhar a si mesma, quanto de forma negativa com implicações como humor deprimido e isolamento social.¹²

A maternidade para as participantes desse estudo são momentos que foram vivenciados pela primeira vez, portanto se torna uma experiência diferenciada e inovadora. Mas ao analisar as falas descritas pelas mães adolescentes perante os sentimentos de tal experiência, evidencia-se que acreditam que seria a mesma coisa se tivessem tido seus filhos na fase adulta:

“...eu acho que não mudaria porque a maternidade seria uma coisa nova pra mim igual né, então, agora ou depois seria a mesma coisa... porque como a maternidade é nova pra mim agora acredito que seria nova se eu tivesse filho mais velha...” (Borboleta Azul).

“Não faria nenhuma diferença, porque o amor que você vai dar pra criança vai ser o mesmo, a atenção, tudo, independente da idade” (Borboleta Branca Camuflada).

“... em termos de sentimento não mudaria em nada, porque filho é uma benção...” (Borboleta Folha).

Nesta pesquisa, também se deparou com mães primíparas adultas que relataram que seus sentimentos seriam os mesmos se tivessem tido seus filhos na adolescência:

“Eu acho que sim, que mãe se forma partir do momento que você tem um filho, que toda mãe, a gente nasce preparada, mas que se forma uma mãe mesmo, quando vem o filho, tu tem uma ideia, mas tu tem a noção mesmo quando ele vem, eu acredito que seria a mesma coisa...”(Borboleta Apolo).

“...mas acredito que assim, mãe que é mãe, eu não sei, se eu tivesse ele com 15 anos o que eu sinto, eu acredito desde a forma que eu fui criada, fui criada com muito apego, bem unida, isso também ajuda, eu acredito que não ia mudar...” (Borboleta Coruja).

Ao observar os relatos acima quanto a ter o mesmo sentimento da maternidade, independentemente de ser na fase adulta ou na adolescência, mães adolescentes tem sentimentos semelhantes às mães adultas, levando-nos realmente a crer que talvez há um processo comum à maternidade, pois mães adolescentes e adultas possuem as mesmas preocupações referente a cuidados básicos e a saúde do recém-nascido.⁵

Quando as mães foram questionadas sobre diferentes situações que poderiam vivenciar diante da maternidade, tanto na fase adulta como na adolescência, relataram principalmente acerca das questões financeiras e de tempo disponível com seus filhos:

“O que mudaria, eu acho sei lá...uma vida estável, mas eu não mudaria.. mas no financeiro sim”(Borboleta Folha).

“Eu acho que a minha realidade seria outra né, eu acho que não mudaria porque a maternidade seria uma coisa nova pra mim igual, então, agora ou depois seria a mesma coisa, mas eu acho que a minha realidade seria outra, porque eu taria formada, trabalhando de professora, certamente, já teria uma casa, eu acho que só a minha realidade seria outra...”(Borboleta Azul).

“Eu acho que não, às vezes se eu fosse mais velha eu taria trabalhando, eu não teria muito tempo pra ficar com ela (filha)...” (Borboleta Pavão).

“...que nem hoje eu posso ficar com ele né, tenho uma questão, na adolescência podia ser que eu não teria as mesmas condições de dar o que eu posso dar pra ele, a atenção.” (Borboleta Apolo).

Percebe-se a diferenciação no pensamento de uma mãe adolescente para uma mãe adulta na questão de poder estar com o bebê, onde a adolescente referiu que se fosse mais

velha, estaria trabalhando, impossibilitando a mesma de permanecer tanto tempo com a filha, como destacado na fala da Borboleta Pavão. Já a mãe adulta descreveu que se fosse adolescente não teria as mesmas condições financeiras de ofertar ao filho recursos e conforto, como descrito no relato da Borboleta Apolo.

Quanto à questão financeira, a família tem um papel importante tanto no apoio para as condições mínimas da ordem financeira, que algumas vezes por serem mães adolescentes, não conseguirão sustentar uma casa e uma família, como na questão emocional, pois para algumas famílias, a criança nasce e acaba unindo a família, trazendo paz, e em outras, acaba ocasionando brigas, discussões sendo um problema para o âmbito familiar.²²

As mães adolescentes, diante da gravidez e maternidade, ainda necessitam enfrentar a escola, que por vezes, são criticadas e consideradas irresponsáveis ou novas demais para a maternidade:

“Acho que, sei lá, todo dia que eu ia pra escola era uma luta assim, tinha que enfrentar uma guerra, porque assim era muito assim... puta, ela é nova, ela não pode, tá grávida, todo mundo pensava assim...mas mesmo assim eu voltei e tô na luta tentando terminar” (Borboleta Folha).

“Ser mãe adolescente foi estranho, porque todo mundo tipo, parece que sei lá, parece que eles (população em geral) tem um pouco de preconceito com a pessoa quem tem filho cedo, foi estranho, mas eu pensava em mim, não pensava neles” (Borboleta Branca Camuflada).

Conforme os relatos descritos acima, fica exposto o sofrimento que as adolescentes enfrentaram na escola durante a gestação. Por outro lado, também se percebe o planejamento de dar sequência aos estudos, a vida tanto escolar quanto acadêmica, vislumbrando a formação como uma maneira de garantir a sua dependência financeira e um bom futuro.

A gravidez na adolescência quando acomete a classe social média e alta, não tende a prejudicar muito o futuro dos adolescentes quanto à escolarização e profissionalização, pois tem aporte financeiro da família para dar suporte e auxílio. Já quando acomete a classe mais baixa, a adolescente tem certa dificuldade em dar sequência e finalizar os estudos, pois em sua grande maioria, não pode contar com o apoio dos pais, nem social para dar continuidade.²³

Ao mesmo tempo em que enfrenta mudanças internas, sofre com o julgamento externo que deprecia e desvaloriza sua escolha reprodutiva, encarando a adolescente mãe de forma moralista e punitiva, que muitas vezes, repercute em impactos na sua vida cotidiana com a saída da escola e a dificuldade de retorno. A instituição escolar não está preparada em suas práticas e políticas para a flexibilização das tarefas para as mães adolescentes, o que colabora para mantê-las longe do espaço escolar, adiando a sua escolarização.²⁴

Percebe-se o sentimento de tristeza das adolescentes sobre os julgamentos, principalmente dos grupos sociais, pois, a gravidez nesta fase é a comprovação que ocorreu relação sexual antes do casamento e na sociedade, tal ato ainda compromete a integridade moral, pois as famílias tradicionalistas continuam seguindo a norma de primeiramente o namoro, depois casamento e por final a gravidez.^{19,20}

A gravidez quando ocorrida fora destes “padrões”, por mais que seja planejada pelas adolescentes, acaba sendo extremamente julgada, como algo ruim, acreditando que comprometerá toda a vida pessoal da futura mãe, escolar, acadêmica, entre outras. Quando julgada a gravidez somente por “culpa” da mulher, desconsidera-se o papel masculino da proteção e contracepção, que conforme as ações de saúde, as informações são repassadas para ambos, e ambos teriam a responsabilidade de prevenir uma gravidez indesejada.¹⁹

As participantes do estudo também relataram diferenças quando questionadas sobre ser mãe adolescente e ser mãe na fase adulta, referindo principalmente quanto aos cuidados com o bebê, onde na fase adulta se tem mais experiências, mais informações, facilitando um pouco o cuidado, e sobre a maturidade, que com uma certa idade se desenvolve mais responsabilidade, compromisso, não sendo tão inseguras, sabendo o que fazer e não se desesperando com certas situações:

“...tem que tá preparado pra ser mãe, porque depois não adianta....tem que saber que tem aquele compromisso, o filho é teu, você tem que cuidar...e agora eu tenho que saber que o compromisso é meu, e eu tenho que cuidar dele, e eu tenho tempo ainda pela frente, por isso que eu digo quanto mais novo pior é, claro, não é que não vai poder fazer, mas dificulta bastante né” (Borboleta Coruja).

“... talvez a questão da imaturidade, de você não saber, ou de deixar pra minha mãe ajuda a cuidar, que nem agora já não, eu quero eu cuidar, eu quero aprender...” (Borboleta Transparente).

As mudanças emocionais que ocorrem nas grávidas adolescentes são semelhantes às aquelas esperadas para as gestantes adultas.²⁵ Mas, no que refere-se ao apoio familiar durante a gravidez, duas mães adultas, falaram que caso engravidassem na adolescência não teriam apoio algum:

“Seria diferente, na adolescência eu não teria apoio da família, ia ser julgada, não ia ter apoio de ninguém, seria bem difícil, bem mais complicado. Teria que se desenvolver nesta idade, mais o ser mãe, eu acho que eu ia me julgar, e pensar se eu seria capaz, se teria capacidade de criar uma criança, se eu ia ama, se ia conseguir fazer tudo o que uma mãe deveria fazer, como a maioria fala, “uma criança tendo uma criança”, dependendo se vai ter apoio ou não, ia ser mais difícil” (Borboleta Mormom).

Quando ocorre a gravidez há um movimento em todo ciclo familiar, apresentando reações conforme suas experiências/vivências, levando em consideração seus valores, suas crenças e certos padrões morais, que acreditam ser correta, principalmente a cultura influencia diretamente na maneira como receberão e lidarão com a notícia da maternidade.^{20,22} Assim, em famílias que já tiveram outras filhas que engravidaram na adolescência, tendem a serem mais acessíveis e aceitar a situação, já em famílias onde há padrões rígidos, vai haver uma certa resistência em lidar e aceitar a situação da gravidez.

Observou-se que a busca pelo apoio familiar é constante, tanto para a mãe adulta, como para a mãe adolescente, devido à necessidade de um aporte para os cuidados com o bebê e para redução da sobrecarga com os afazeres domésticos.

CONCLUSÕES

O vínculo entre a mãe e a criança se inicia desde o período gestacional e após o nascimento, essa relação só aumenta, principalmente com o desenvolvimento do recém-nascido evidenciado através do sorriso, gestos e balbuciamiento de palavras, onde a interação entre ambos se estreita e fortalece.

O vínculo entre a mãe e o bebê, quando não acompanhado por alguma patologia, ou algum impedimento nesta relação é geralmente amoroso, com grande demonstração de afeto, mostrando as mesmas interfaces entre mães adultas e adolescentes.

Foi possível desvendar as percepções da maternidade para as mães adultas e mães adolescentes, podendo compará-las com as borboletas, pois tanto para as mães como para as borboletas, há um significativo momento de metamorfose, transformando para sempre suas vidas.

Através do contato com as mães primíparas permitiu-se compreender que o sentimento diante da maternidade não se modifica conforme a idade, ou seja, ter o filho na fase adulta ou na fase da adolescência geram os mesmos sentimentos para com o filho no despertar da maternidade, levando-nos a refletir sobre um processo comum, onde as mães tem sentimento de amor, que vai crescendo dia após dia no convívio com a criança e demonstram preocupações quanto aos cuidados básicos e de saúde do seu filho, independente da idade em que se encontra.

Os resultados surpreenderam as pesquisadoras, pois tinham como hipótese inicial que para as mães adolescentes, a vivência da maternidade seria algo muito mais complicado do que para a mãe adulta, tal fato, desafia os profissionais da enfermagem a prestar cuidados assistenciais as mães primíparas, independentemente da idade que a maternidade ocorre.

REFERÊNCIAS

1. Porto D. O significado da maternidade na construção do feminino: uma crítica bioética à desigualdade de gênero. *Revista Red bioética/unesco*. Brasília. 2011;

- 3(1):55-66. [Citado em 2017 mar. 24]. Disponível em: <http://www.unesco.org/uy/ci/fileadmin/shs/redbioetica/revista_3/Porto.pdf>.
2. Brasil, Ministério da Saúde. Marco legal: saúde, um direito de adolescentes. Brasília: Ministério da Saúde, 2005b;60. [Citado em 2017 mar.24]. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07_0400_M.pdf>.
3. OMS. Organización Mundial de la Salud.. La salud del adolescente y el joven en las Américas. Publicación Científica nº 489. Washington: OMS. 1985.
4. Santos KD, Motta IF. O significado da maternidade na trajetória de três jovens mães: um estudo psicanalítico. *Estud Psicol. Campinas*. 2014; 31(4):517-525. [Citado em 2017 mar. 24]. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2014000400006>.
5. Kreutz M. A experiência da maternidade e a interação mãe bebê em mães adolescentes e adultas. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2001;158f. [Citado em 2017 mar. 21]. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/2931/000328855.pdf?sequence=1>>.
6. Bardin L. Análise de Conteúdo. Lisboa, Portugal. 2011. Edições 70, LDA.
7. Fonseca BCR. A construção do vínculo afetivo mãe- filho na gestação. *Revista Científica Eletrônica de Psicologia*. Garça. 2010;14(8):1-17. [Citado em 2017 mar. 21]. Disponível em: <http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/JbdGtOweBVvuv1S_2013-5-13-15-14-55.pdf>.
8. Zanatta E, Pereira CRR. Ela enxerga em ti o mundo a experiência da maternidade pela primeira vez. *Temas em Psicologia*. Santa Maria. 2015;23(4):959-972. [Citado em 2017 mar. 24]. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v23n4/v23n4a13.pdf>>.
9. Borsari JC. Considerações acerca da relação Mãe-Bebê da Gestação ao Puerpério. *Contemporânea Psicanálise e Transdisciplinaridade*. Porto Alegre. 2007(2):1-12. [Citado em 2017 mar.24]. Disponível em: <<http://www.revistacontemporanea.org.br/site/wp-content/artigos/artigo89.pdf>>.
10. Resta DG, Marqui ABT, Colomé ICS, Jahn AC, Eisen C, Hesler LZ, et al. Maternidade na adolescência: significado e implicações. *Rev Min Enferm. Minas Gerais*. 2010;14(1):1-6. [Citado em 2017 mar. 21]. Disponível em: <<http://reme.org.br/artigo/detalhes/89>>.
11. Rosa R, Martins FE, Gasperi BL, Monticelli M, Siebert ERC, Martins NM. Mãe e filho: os primeiros laços de aproximação. *Esc Anna Nery*. Rio de Janeiro. 2010;14(1):105-112. [Citado em 2017 mar. 21]. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v14n1/v14n1a16>>.
12. Levandovsky D, Flores DHVH. O exercício da maternidade na adolescência. In: Piccini, CA; Alvarenga, P (org). *Maternidade e Paternidade: a*

- parentalidade em diferentes contextos. São Paulo. 2012: 367-390. [Citado em 2017 mar. 21].
13. Rocha LC, Minervino CA. Ser mãe adolescente: sentimentos e percepções. *Pediatria Moderna*. 2008;44:242-7. [Citado em 2017 mar. 24]. Disponível em: <http://www.moreirajr.com.br/revistas.asp?fase=r003&id_materia=3940>.
14. Valila MG, Moraes NA, Dalbello NN, Vieira SS, Beretta MIR, Dupas G. Gravidez na adolescência: conhecendo a experiência da família. *Rev Min de Enferm. Minas Gerais*. 2011;15(4):1-11. [Citado em 2017 mar. 24]. Disponível em: <<http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/70>>.
15. Moraes TC, Freitas PX, Neves JB. Percepção das primigestas acerca do aleitamento materno. *Revista Enfermagem Integrada*. Ipatinga. 2010;3(2):621-636 [Citado em 2017 mar. 24]. Disponível em: <http://www.unilestemg.br/enfermagemintegrada/artigo/V3_2/13-percepcao-das-primigestas-acerca-do-aleitamento-materno.pdf>.
16. Almeida IS, Ribeiros IB, Rodrigues BMRD, Costa CCP, Freitas NS, Vargas EB. Amamentação para mães primíparas: perspectivas e intencionalidades do enfermeiro ao orientar. *Cogitare Enferm. Curitiba*. 2010;1(15):19-25. [Citado em 2017 mar. 21]. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/cogitare/article/viewFile/17139/11282>>.
17. Terra DLH, Okasaki ELFJ. Compreensão de puérperas primíparas sobre os cuidados domiciliares com o recém-nascido. *Rev Enferm Unisa. Santo Amaro*. 2006;7(1):15-20. [Citado em 2017 mar. 24] Disponível em: <<http://www.unisa.br/graduacao/biologicas/enfer/revista/arquivos/2006-03.pdf>>.
18. Lopes RCS, Prochnow LP, Piccinini CA. A relação da mãe com suas figuras de apoio femininas e os sentimentos em relação à maternidade. *Psicologia em Estudo. Maringá*. 2010;15(2):295-304. [Citado em 2017 mar. 21]. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v15n2/a08v15n2>>.
19. Hoga LAK, Borges ALV, Reberte LM. Razões e reflexos da gravidez na adolescência: narrativas dos membros da família. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem. Rio de Janeiro*. 2010;14(1):151-7. [Citado em 2017 mar. 21] Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v14n1/v14n1a22>>.
20. Alves A, Albino AT, Zampieri MFM. Um olhar das adolescentes sobre as mudanças na gravidez: promovendo à saúde mental na atenção básica. *Rev Min Enferm. Minas Gerais*. 2011;15(4):1-8. [Citado em 2017 mar. 21]. Disponível em: <<http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/69>>.
21. Guedes JS. Percepção das adolescentes frente ao desafio de ser mãe Trabalho. TCC (Graduação) - Curso de Enfermagem, Universidade de Brasília - Unb Faculdade de Ceilândia - Fce, Ceilândia. 2015: 46f. [Citado em 2017 mar. 24] Disponível em: <<http://bdm.unb.br/handle/10483/10902>>.
22. Laudade LGR. Maternidade na adolescência: o apoio social da família para o cuidado materno e autocuidado na perspectiva das adolescentes. Dissertação (Mestrado) - Curso de Enfermagem em Saúde Pública, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Ribeirão preto. 2013: 100f. [Citado em 2017 mar. 24]. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22133/tde-14012014-141155/pt-br.php>>.
23. Nascimento MG, Xavier PF, Sá RDP. Adolescentes grávidas: a vivência no âmbito familiar e social. *Adolesc Saúde*. 2011;8(4):41-7. [Citado em 2017 mar. 21] Disponível em: <http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=294>.
24. Moccelin AS, Costa LR, Toledo AM, Driusso P. Efetividade das ações voltadas à diminuição da gravidez não-planejada na adolescência: revisão da literatura. *Rev Bras Saúde Mater Infant. Recife*. 2010;10(4):407-416. [Citado em 2017 mar. 21]. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-38292010000400002>.
25. Borges APV. Significações durante a transição para a maternidade: A mulher antes e depois do parto. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal da Bahia. Salvador. 2005; 173f. [Citado em 2017 mar. 21]. Disponível em: <http://www.popsi.ufba.br/Ana_Patricia_Borges.pdf>.

Recebido em: 18/07/2017

Revisões requeridas: Não Houveram

Aprovado em: 03/11/2017

Publicado em: 02/04/2019

***Autor Correspondente:**

Ângela Urío

Rua Rio de Janeiro, 225E, apto 06

Centro, Chapecó, SC, Brasil

E-mail: ange.urio@hotmail.com

Telefone: +55 49 98418-3042

CEP: 89.801-210